



Sesc tv

EDIÇÃO N.108 / MARÇO DE 2016

O FIM DO MUNDO, ENFIM
**FILME E SHOW RESGATAM
O MOVIMENTO PUNK NO BRASIL**

CORES DO FUTEBOL
CURTAS ABORDAM A DIMENSÃO
CULTURAL DESSE ESPORTE

MOVIMENTO VIOLÃO
NOVA TEMPORADA APROXIMA O
BARROCO E O CONTEMPORÂNEO

Musical
Shaggy

30/3 | quarta | 22h

Foto: Divulgação

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

índice

DESTAQUES

- 4 O que queriam os punks?
- 6 As múltiplas faces do futebol
- 7 Encontros eruditos
- 7 Contando a notícia

ENTREVISTA

- 8 Marcelo Andrade:
Música para ser vista

ARTIGO

- 12 “O vasto mundo do futebol”
por Ugo Giorgetti

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

O Fim do Mundo, Enfim.

Documentário e show.

Curadoria: Clemente Nascimento.

Direção: Camila Miranda.

Foto: Jon Díes Supat

editorial

Para romper e contestar

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Contestar a estética vigente, buscar novas formas de se expressar, a partir de rupturas ou de rearranjos estão no cerne e no gene da própria História da arte, em suas mais diversas linguagens, como essência das manifestações de vanguarda. Em meados dos anos 1970, músicos adeptos do rock and roll, inquietos, começaram a pesquisar novas sonoridades, algo que rapidamente se associou a uma nova estética contestadora, evidenciada pelo visual de seus seguidores. Surgiu o punk rock, movimento que tinha sua base na ideologia anarquista e na subversão e que, não demorou, rompeu fronteiras e se espalhou pelo mundo, chegando ao Brasil.

A história e a sonoridade do movimento punk no país estão em documentário e musical inéditos que o SescTV exhibe neste mês. *O Fim do Mundo, Enfim* resgata o festival *O Começo do Fim do Mundo*, realizado em 1982, no Sesc Pompeia, que reuniu as bandas de punk paulistas da época e se tornou um marco para o movimento. *O Fim do Mundo, Enfim* reúne depoimentos de quem protagonizou aquele período, além de trechos do show realizado em 2012, na comemoração de três décadas do evento.

Outro destaque musical da programação é a estreia da nova temporada da série *Movimento Violão*, com o concerto de Gisela Nogueira, gravado em 2015, no Sesc Vila Mariana. Ela se apresenta ao lado da harpista Silvia Ricardino, com participação também da Orquestra Metropolitana, de São Paulo, e um repertório inédito do músico Acchile Picchi.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o produtor Marcelo Andrade, diretor do In-Edit Brasil – Festival Internacional do Documentário Musical. O artigo do cineasta Ugo Giorgetti aborda a relação entre futebol e as artes. Boa leitura! ●

O que queriam os punks?

Movimento surgido nos anos de 1970 ficou marcado pela postura contestadora, evidenciada na música e na estética visual



O Fim do Mundo, Enfim

Na década de 1970, o rock progressivo, com incansáveis solos de guitarra e bateria, alcançava seu auge e era reproduzido por emissoras de rádio no mundo todo. À procura de um som mais desprezioso, que contrariasse a lógica de mercado, frequentadores da cena *underground* de Nova Iorque passaram a se reunir na casa de shows CBGB, para tocar e ouvir bandas cuja proposta era

outra, fazer um tipo de música mais ágil e simples, resgatando um pouco o rock dos anos 1960. Assim nasceu o punk rock, entre os anos 1974 e 1975. Aos poucos, o novo estilo musical se tornou contestatório, política e socialmente, reuniu adeptos em vários países e se transformou em um movimento de contracultura. O visual agressivo dos punks fugia aos padrões da moda à época. Sua filosofia

DOCUMENTÁRIO RESGATA O COMEÇO DO FIM DO MUNDO, FESTIVAL DE 1982 QUE MARCOU A CULTURA PUNK NO BRASIL



FOTO: ALICE VERGUEIRO

pregava o “faça-você-mesmo” e sua ideologia era baseada no anarquismo e na subversão. O que eles queriam era a revolução.

A revista POP apresenta o punk rock

Quando jovem, Fábio Santos, todas as noites antes de dormir, trocava de estações em seu radinho de pilhas à procura de algo que lhe

agradasse. Foi então que ouviu bandas como *Sex Pistols*, *The Runaways* e *Ramones*, reunidas em uma coletânea lançada pela revista POP, em 1977. Buscou informações e abriu uma loja de discos na Galeria do Rock, em São Paulo.

Batizada de Punk Rock, a loja de Fábio se tornou ponto de encontro dos fãs do movimento e despertou a curiosidade e identificação do escritor e dramaturgo Antônio Bivar. “Vi aquele entusiasmo e me senti de novo adolescente.” Tamanho interesse levou Bivar a escrever o livro *O que é Punk* e a organizar o mais importante festival de música punk realizado no Brasil, *O Começo do Fim do Mundo*. Nos dias 27 e 28 de novembro de 1982, o evento realizado no Sesc Pompeia contou com a participação de bandas punks que fizeram história no cenário nacional e internacional, como *Inocentes*, *Olho Seco*, *Cólera* e *Ratos de Porão*, além de exposições de fotos, fanzines e filmes.

“O festival acaba sendo o grande evento que lança o punk rock para o público mais geral”, comenta Mao, vocalista da banda *Garotos Podres*. Para ele, *O Começo do Fim do Mundo* ainda marcou a aproximação entre grupos punks, principalmente os de São Paulo e da região do ABC Paulista. O produtor e músico Clemente Nascimento, da banda *Inocentes*, explica que o objetivo do festival era democratizar. “A nossa ideia era chamar todo mundo, não só os caras de São Paulo. Senão, não ia dar um panorama de toda a cena.”

Para celebrar os 30 anos de *O Começo do Fim do Mundo*, o Sesc Pompeia organizou, em 2012 com curadoria de Clemente Nascimento, o evento *O Fim do Mundo, Enfim*, com shows e encontros de gerações do movimento no Brasil. Depoimentos de músicos e registros do primeiro festival estão presentes no documentário homônimo lançado em DVD pelo Selo Sesc no mês passado e que o SescTV exhibe neste mês. Na sequência, o canal também apresenta uma versão editada com trechos do show de 2012, que reuniu 15 bandas da cena punk. ●



O FIM DO MUNDO, ENFIM DIA 11, 23H

Direção: Camila Miranda.

Classificação indicativa: 10 anos.



Veja o trailer do documentário:





As Garotas e o Futebol. Coreia do Sul, 2014.

FOTO: DIVULGAÇÃO

As múltiplas faces do futebol

Curtas-metragens inéditos do projeto Cores do Futebol abordam a diversidade cultural presente no esporte

José Renato Baptista é torcedor fanático do Flamengo e jamais comparece ao estádio de futebol, para ver seu time jogar, usando chinelos. A mania – ou superstição – começou em 1979. Naquele ano, ele foi ao Maracanã para assistir Flamengo X Palmeiras calçando um par de chinelos, e o resultado foi um amargo 4 a 1 para o time rival. Agora, para assistir a uma partida, só de tênis. Adepto do candomblé, José Renato não se acanha em recorrer ao catolicismo e pedir ajuda a São Judas, padroeiro de seu time, em momentos de apuros.

Histórias como a de José Renato estão no documentário *Eu Acredito*, com direção de Rodrigo Ponichi. Ambientado no Rio de Janeiro, o filme traça uma relação entre fé e

paixão dos torcedores cariocas, além de suas superstições. *Eu Acredito*, que o SescTV exhibe neste mês, integra o projeto Cores do Futebol, uma iniciativa da TAL – Televisão América Latina, com a participação de canais de TV públicos, educativos e com finalidade pública, de países dos cinco continentes. Os curtas-metragens têm em comum o tema do futebol e suas influências na cultura de diferentes povos.

Outros três curtas-metragens do projeto Cores do Futebol estão na programação deste mês do canal. Da Coreia do Sul, o documentário *As Garotas e o Futebol*, dirigido por Minjung Kim; da Palestina, *Por Baixo do Véu*, direção de Motasem Aliwawi; e do diretor brasileiro Rodrigo Chevas, o filme *Torcedor*. ●



EU ACREDITO,
DIA 24, 21H

Brasil, 2014. Direção:
Rodrigo Ponichi.

**AS GAROTAS
E O FUTEBOL,**
DIA 24, 21H10

Coreia do Sul, 2014.
Direção: Minjung Kim.
Classificação: Livre.

TORCEDOR,
DIA 31, 21H

Palestina, 2014.
Direção: Rodrigo
Chevas.

POR BAIXO DO VÉU,
DIA 31, 21H10

Palestina, 2014.
Direção: Motasem
Aliwawi.
Classificação: Livre.

FOTO: ALEX RIBEIRO/VISORMÁGICO



Encontros eruditos

DIA 22, 20H. Movimento Violão. Direção para TV: Flavio N. Rodrigues. Classificação: Livre.

Com uma viola de arame, a professora e pesquisadora Gisela Nogueira apresenta composições eruditas dos séculos XVII e XVIII. Gisela teve contato com a música desde cedo e conta que foi somente com seu amadurecimento que identificou o violão como um instrumento de fato, fazendo parte do estudo da música. O concerto com a musicista, gravado em abril de 2015, no Sesc Vila Mariana, inicia uma nova temporada da série Movimento Violão, com curadoria de Paulo Martelli. Segundo Gisela, guitarras e harpas conviveram muito no período barroco. Por esse motivo, ela convidou a harpista Silvia Ricardino para acompanhá-la na apresentação. “A coincidência de Silvia e eu tocarmos nos mesmos grupos nos trouxe aqui a esse encontro instrumental”, comenta. Na última parte do programa, a Orquestra Metropolitana faz participação especial, sob regência de Rodrigo Vitta, e apresenta junto com a violonista a composição inédita do músico Achille Picchi. ●

FOTO: DIVULGAÇÃO



Contando a notícia

DIA 14, 21H. Super Libris. Direção: José Roberto Torero. Classificação: Livre.

A distância entre o jornalismo e a literatura tornou-se menor com o surgimento do jornalismo literário, que para muitos é a “romantização” da reportagem. De acordo com o jornalista e escritor Zuenir Ventura, essa técnica deu maior flexibilidade aos profissionais da notícia, que eram guiados por regras muito rígidas. “Durante muitos anos, a fronteira entre romance e jornalismo era muito nítida”, conta. Para ele, a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha é um grande exemplo de jornalismo literário brasileiro, pois relata a Revolta de Canudos por meio de recursos literários utilizados nos romances. Escrevendo sempre à mão em cadernos de brochura, Zuenir explica, contudo, que há uma grande diferença entre livros de ficção e jornalismo literário, uma vez que este é um “romance sem ficção”. Seu livro 1968: *O Ano Que Não Terminou* é um dos exemplos do gênero exibido no episódio *Reportagem, a irmã adotiva*, da série *Super Libris*. ●



Assista ao vivo
também em:
www.sesctv.org.br/aovivo

MARCELO ANDRADE. PUBLICITÁRIO E PRODUTOR DE FESTIVAIS.

Diretor do In-Edit Brasil - Festival Internacional do Documentário Musical fala sobre o cenário atual da produção de documentários no país e no mundo

Música para ser vista



Marcelo Andrade sempre foi fanático por música. Aos 23 anos, se mudou para Barcelona, na Espanha, onde viveu por 17 anos. Dividia o trabalho de criação em agências de publicidade com um programa de rádio que tinha em uma emissora livre, chamado Kaos Brazilis. Seu programa era especializado em música brasileira e democrático, tocava de João Gilberto a Sepultura. Cansado da vida de publicitário e com as dificuldades econômicas que começavam a preocupar a Europa, Marcelo decidiu voltar ao Brasil, trazendo na mala um dos festivais mais representativos de documentário musical do mundo, o *In-Edit*, que chega à oitava edição neste ano.

Qual a importância do cinema falar sobre música?

A importância é total, principalmente no Brasil. Nós somos o segundo país que mais consome música própria no mundo. Acima da gente, só os Estados Unidos. Boa parte da nossa cultura passa pela música. Num país onde a música é tão forte e a gente tem uma carência enorme até de arquivar a nossa história, é fundamental associar música ao audiovisual. Você cavuca arquivo, registra atuações, até etnográficas. Isso faz parte do registro da nossa cultura. Quando o cinema fala sobre música, principalmente no Brasil, é uma maravilha.

O que faz de um filme um documentário musical?

A música tem de ser o tema central. Mas isso não significa que tenha de ser a biografia de uma pessoa, ou de uma banda. Pode ser um filme sobre um movimento musical ou uma casa de show. O

último Festival de Sundance premiou um documentário sobre musicoterapia, por exemplo. Há ainda o documentário *Waiting for B*, de Paulo Cesar Toledo e Abigail Spindel, sobre os fãs que ficaram acampados por dois meses na fila do primeiro show da cantora Beyoncé, no Brasil. Enfim, você pode fazer um documentário sobre um disco ou sobre uma canção.

Há espaço para a música no cinema e na televisão?

A gente tem uma televisão aberta com uma quantidade enorme de canais, temos uma quantidade gigantesca de canais a cabo, além do Netflix, e ainda temos a Lei da TV Paga. Hoje, o problema dos documentários musicais talvez esteja no fato de muitos diretores não conseguirem finalizar seus projetos por estarem envolvidos com outros trabalhos, mais comerciais, para algum canal. Filmes sobre bandas como Blitz e Ira!, por exemplo, estão parados há anos.

Como foi trazer ao Brasil um festival como o *In-Edit*?

Em 2008, quando o [presidente do governo espanhol José Luis Rodríguez] Zapatero mencionou a palavra crise, perdi meu último cliente e também meu programa de rádio. Não tinha mais trabalho. Na época, minha namorada organizava o primeiro Festival de Cinema Brasileiro em Barcelona, e quem fazia a assessoria de imprensa era o pessoal do *In-Edit*, que também presta esse tipo de serviço, além realizar o festival de documentários. Pensei: e se eu levar isso para





RAIO-X
MARCELO
ANDRADE,
SÃO PAULO

Formação
Publicidade

Trabalhos

- Kaos Brazilis, rádio P.I.C.A.
- Agências Clou-seau, Draft FCB e Ansolo
- In-Edit Brasil – Festival Internacional de Documentário Musical, desde 2009



“Quando o cinema fala sobre música, principalmente no Brasil, é uma maravilha.”



“Há uma coisa muito clara no documentário musical: ninguém ganha dinheiro fazendo isso. Quem faz, faz por pura necessidade artística, pela necessidade de contar aquela história.”

“Num país onde a música é tão forte e a gente tem uma carência enorme até de arquivar a nossa história, é fundamental associar música ao audiovisual.”

»»

o Brasil? A gente fez o primeiro, na cara e na coragem, sem patrocínio. No segundo, a gente ganhou um edital e já começou a pagar as dívidas [a oitava edição do festival irá ocorrer entre 1º e 12 de junho e recebe inscrições de longas-metragens até o dia 21 deste mês para a mostra competitiva].

Qual relevância do festival no cenário nacional e internacional?

Quando eu trouxe o *In-Edit* para cá, ele já estava na sexta edição em Barcelona e na quinta no Chile. O festival já nasceu com uma via internacional. O Brasil talvez seja o país que mais tem festivais de cinema no mundo, em torno de 200 por ano. Ou seja, a concorrência é muito grande. A gente veio com um “ovo de Colombo”. Foi muito difícil, porque eu não conhecia ninguém. Então, me associei ao Léo [produtor Leonardo Kehdi] e fomos adiante. Eu acredito que o segredo de tudo está na seriedade e na constância. Fazemos uma boa curadoria. A gente chega a receber uma média de cem filmes brasileiros por ano. Assisto entre 250 e 300 documentários nacionais e internacionais para fazer a seleção do festival.

É possível traçar um panorama atual da produção de documentários musicais?

Temos as grandes produções, de grandes cineastas. Depois, um segundo escalão, com produtoras médias, que conseguem fazer projetos bons. E por fim, tem a galera da guerrilha, com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, que quer contar a história. Há uma coisa muito clara no documentário musical: ninguém ganha dinheiro fazendo isso. Quem faz, faz por pura necessidade artística, pela necessidade de

contar aquela história. Nesse sentido, a produção brasileira de documentário continua muito ativa, não parou. Temos documentários belíssimos no Brasil, como *Dzi Croquettes* [de Raphael Alvarez e Tatiana Issa], *Vou Rifar Meu Coração* [de Ana Rieper], *Loki - Arnaldo Baptista* [de Paulo Henrique Fontenelle]. O documentário *Vinicius* [de Miguel Faria Jr.] é de 2005 e continua sendo o documentário mais visto do Brasil. Tem muita coisa bacana para ser feita, desde os grandes, aos medianos e guerrilheiros.

Hoje, grandes produtoras e até o Netflix produzem documentários musicais. Dá para dizer que eles estão em alta?

De certa forma, sim. O termo documentário musical é recente, apesar dessas produções já existirem. Ninguém inventou a roda. O que aconteceu foi que colocamos o foco nelas para deixá-las em evidência; a gente só apontou onde estavam. Humberto Mauro fazia documentário musical na década de 1930, no Brasil. A descoberta do jargão abriu possibilidades para que o documentário musical entrasse em várias programações; a imprensa gosta muito, porque é uma desculpa maravilhosa para você botar uma foto do Jimmy Hendrix enorme na capa do jornal, por exemplo. É possível dizer que documentário musical está em alta porque ele acaba sendo um produto muito popular.

O videoclipe, que teve seu auge nas décadas de 1980 e 1990, ainda é essencial para a divulgação do trabalho de um artista/banda?

O videoclipe dos anos 1990 veio realmente como uma ferramenta de divulgação. O que



DOCUMENTÁRIOS MUSICAIS BRASILEIROS



■ *Vou Rifar Meu Coração* (2011) direção: Ana Rieper



■ *Loki - Arnaldo Baptista* (2008) direção: Paulo Henrique Fontenelle

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Dzi-Croquettes* (2009) direção: Raphael Alvarez e Tatiana Issa

passou a ser uma coisa espetacular, principalmente para o mundo da publicidade. Era uma delícia. Tinha uma TV na agência em que eu trabalhava que ficava passando videoclipes. A gente ficava o dia inteiro de olho, seja em uma referência de roupa, de um cenário, de uma linguagem diferente. Hoje, para as grandes produtoras, com os artistas consagrados, os videoclipes talvez tenham ficado um pouco para trás. Mas isso já não ocorre com artistas mais populares, como MC Guimê, por exemplo, que tem milhões de acessos a seus vídeos no Youtube. Nesses casos os videoclipes continuam funcionando muito bem.

O documentário musical pode exercer a função de divulgação do videoclipe?


Quem vê documentário não vê na televisão aberta. Isso é uma adequação ao público. Você tem que ir aonde o público está. A linguagem do documentário não é popular e não vai substituir ninguém. Mas talvez a indústria fonográfica encontre nos documentários musicais uma maneira de divulgar os artistas. Talvez as produtoras comecem a investir em um audiovisual para determinados artistas com outro tipo de visão. Não tão imediatista como o videoclipe, mas como um show. O videoclipe não está morto. O que acontece é que ele está “dando um rolê por outras trevas”.

Os avanços tecnológicos possibilitam a democratização na produção?

As novas tecnologias ajudam muito a produção de filmes, democratizam, mas não garantem talento. Pegar uma câmera e ir para sua quebrada não garante que você se torne um grande cineasta. Muitos dos que pegam o equipamento e vão para a rua têm um registro de linguagens audiovisuais apenas da TV. Essa galera não faz filmes, faz reportagens. Acho isso válido. Há vários resultados legais. E se você quer ser visto, mesmo que não seja selecionado em um festival, as mídias sociais ajudam bastante na divulgação. Por isso eu brinco que o pior que pode acontecer com o seu filme é ele ir para o Youtube, o que significa que, mesmo assim, todo mundo pode ver. Você pode colocar em alta definição, em qualquer idioma, que todo mundo vai te ver. Você pode atrair público e tornar seu trabalho conhecido. ●

O vasto mundo do futebol

Ugo Giorgetti é cineasta. Dirigiu os filmes *Sábado* (1995); e *Boleiros – Era uma vez o Futebol* (1998), e o curta-metragem *Comercial F.C. – a Equipe Fantasma* (2014), para o projeto Cores do Futebol. Também assina uma coluna semanal sobre futebol no jornal *O Estado de S. Paulo*.

por Ugo Giorgetti  foto Divulgação (Cores do Futebol – Campo dos Sonhos)

Relações entre arte e futebol é assunto para acadêmicos preparados e capazes. Por decorrência, cinema e futebol também. Nesse último caso, no entanto, me atrevo a dar algumas opiniões. É claro que o que se vai ler são apenas vagas reflexões de quem, embora sem nenhuma especialização teórica na matéria, trafega em torno dela há muitos anos.

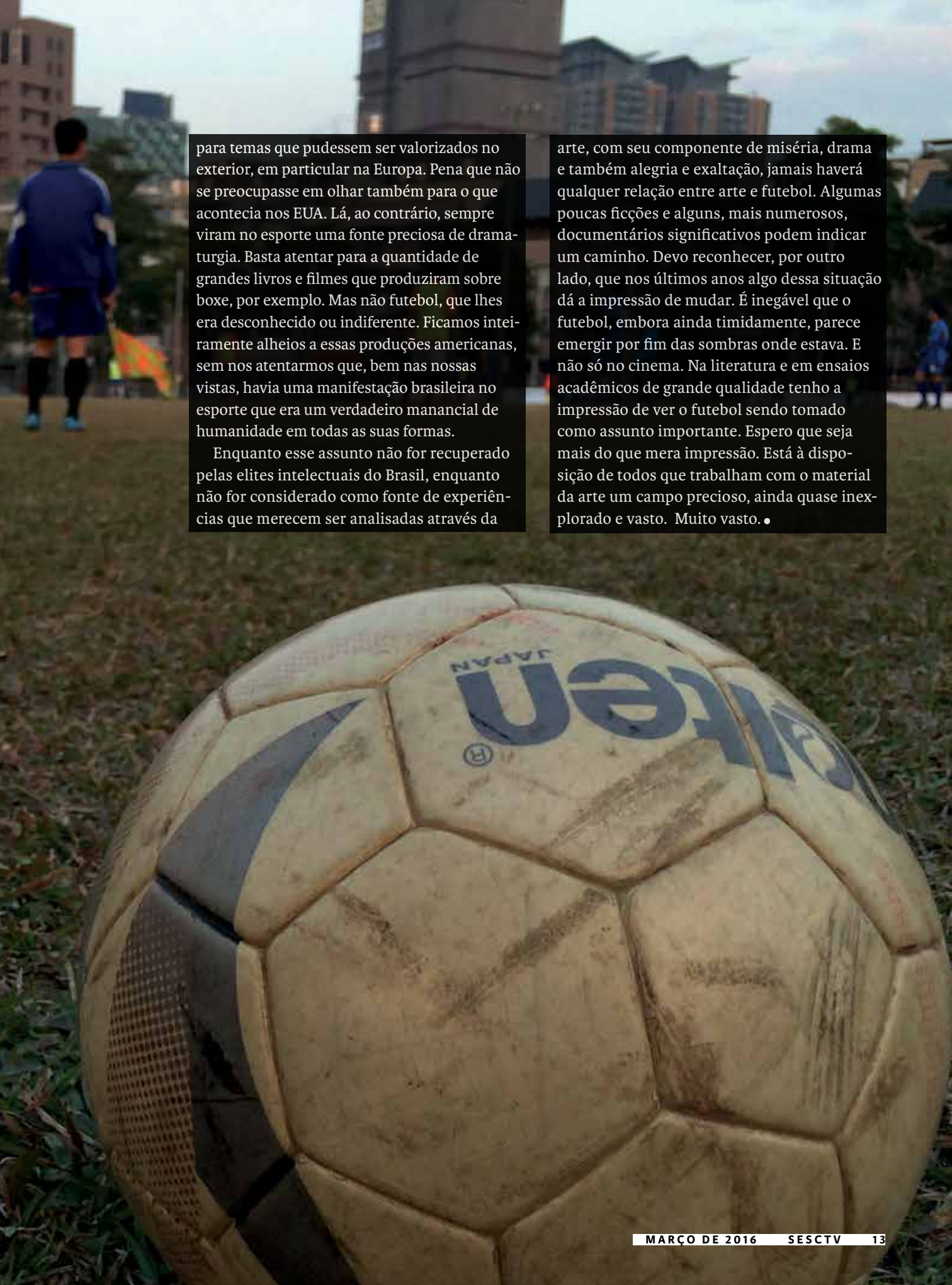
Dito isso, quero lembrar, para começar, que o futebol chegou ao Brasil trazido por ingleses e foi abraçado, em princípio, pela alta burguesia nacional. Senhoras iam ver um Fla X Flu em trajes formais, dos quais ainda certos eventos nos *Jockeys Clubs* brasileiros são uma lembrança. O futebol não era um esporte do povo, ao contrário. Essa é a razão, me parece, de um grande escritor como Lima Barreto, por exemplo, ter detestado o futebol. Negro, pobre e discriminado, Barreto odiava o futebol talvez por ressentimento contra uma sociedade que, ao mesmo tempo, o discriminava e apoiava o futebol. Infelizmente, morreu cedo, não teve tempo para ver o inverso: o futebol cair nas graças do povo e, num processo previsível, ser abandonado pela elite. Talvez, se tivesse alcançado o período em que o futebol se tornou o esporte do povo e dos negros, Lima Barreto poderia ter escrito um grande livro tendo como elemento fundamental esse esporte. E tudo talvez tivesse mudado de figura nas relações entre futebol e arte brasileira.

Mas não foi assim. O que aconteceu é que o futebol, exatamente quando passou a pertencer às classes mais desfavorecidas, desapareceu

também do universo da arte, onde, aliás, a rigor, jamais chegou a figurar. Durante anos não se falou nisso. Era um tema não considerado nobre. Talvez porque fosse verdadeira diversão popular, alegre e despreocupada. Sendo diversão, alegre portanto, não poderia ser levado a sério. Durante muito tempo o povo foi, pela arte pelo menos, visto apenas como sofredor. O escravizado, injustiçado, mal pago, explorado, e nesse âmbito era impossível qualquer tipo de alegria de viver. O futebol, essa manifestação feliz seria, portanto, algo sem qualquer propósito, quando não empostado, falso e francamente alienante.

Houve quem, pelo menos de maneira superficial, visse o futebol tal como era: manifestação autêntica, original e valiosa da cultura popular brasileira; os modernistas, por exemplo, em especial Antonio de Alcântara Machado, com seu *Brás, Bexiga e Barra Funda*, onde há um conto, um solitário conto, que se chama *Corinthians 2 X Palestra 1*. Fora isso, nada. Mesmo o cinema, como arte popular que é, pouco se ocupou do futebol. Lembro de um só filme, pode ter havido outros, não sei, mas eu me lembro apenas de um filme, *O Craque*, de José Carlos Burle, de 1952, dedicado ao futebol. Nas artes plásticas só consigo lembrar de Gerchman e, no teatro, Vianinha e um pouco Plínio Marcos. Mesmo Nelson Rodrigues, cronista do *Jornal dos Esportes* – e Fluminense fanático – jamais, em seu teatro, se ocupou do futebol.

O artista brasileiro, apesar dos esforços de alguns modernistas, em geral sempre olhou



para temas que pudessem ser valorizados no exterior, em particular na Europa. Pena que não se preocupasse em olhar também para o que acontecia nos EUA. Lá, ao contrário, sempre viram no esporte uma fonte preciosa de dramaturgia. Basta atentar para a quantidade de grandes livros e filmes que produziram sobre boxe, por exemplo. Mas não futebol, que lhes era desconhecido ou indiferente. Ficamos inteiramente alheios a essas produções americanas, sem nos atentarmos que, bem nas nossas vistas, havia uma manifestação brasileira no esporte que era um verdadeiro manancial de humanidade em todas as suas formas.

Enquanto esse assunto não for recuperado pelas elites intelectuais do Brasil, enquanto não for considerado como fonte de experiências que merecem ser analisadas através da

arte, com seu componente de miséria, drama e também alegria e exaltação, jamais haverá qualquer relação entre arte e futebol. Algumas poucas ficções e alguns, mais numerosos, documentários significativos podem indicar um caminho. Devo reconhecer, por outro lado, que nos últimos anos algo dessa situação dá a impressão de mudar. É inegável que o futebol, embora ainda timidamente, parece emergir por fim das sombras onde estava. E não só no cinema. Na literatura e em ensaios acadêmicos de grande qualidade tenho a impressão de ver o futebol sendo tomado como assunto importante. Espero que seja mais do que mera impressão. Está à disposição de todos que trabalham com o material da arte um campo precioso, ainda quase inexplorado e vasto. Muito vasto. ●



dia 5, 21h

VILA ITORORÓ. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre.

Localizado na cidade de São Paulo, o conjunto arquitetônico de casas dos anos de 1920 chamado Vila Itororó passa por restauração, para se transformar em um centro cultural, e é tema do episódio da série *Arquiteturas* deste mês.

nos intervalos

OPINIÕES – ESTILHAÇOS

Direção: Kiko Goifman.
Classificação: Livre.

Personalidades de diferentes áreas da cultura e das artes dão suas opiniões a respeito do conceito de ética e da sociedade. A professora e filósofa Olgária Matos acredita que vivemos em uma época tão ruim que chegaremos ao tempo da barbárie, para depois voltarmos a praticar a boa educação, quando ocorrerá o novo desenvolvimento das ciências e das artes. Só assim, de acordo com ela, “tudo prosperará”.

dia 16,
22h

NÁ E ZÉ

Direção para TV: Daniel dos Santos. Classificação: Livre.

A cantora e compositora Ná Ozzetti se apresenta com o pianista e compositor José Miguel Wisnik em um show que comemora 30 anos de parceria musical. Gravado no Sesc Vila Mariana, em 2015, o repertório é composto por músicas de Wisnik, muitas delas escritas em homenagem aos poemas de Paulo Leminski e Cacaso. Para ele, a parceria com a cantora vem de uma forte ligação de ambos com a canção lírica e também do interesse por todas as linguagens musicais.





dia 21,
21h30

SOBRE SETE ONDAS VERDES ESPUMANTES

Direção: Bruno Polidoro e Cacá Nazário. Classificação: 12 anos.

Em homenagem aos vinte anos de morte do poeta Caio Fernando Abreu e ao Dia Mundial da Poesia, o SescTV exhibe o documentário que revisita as cidades onde o poeta viveu. Paris, Londres e Rio de Janeiro, por exemplo, revelam suas obras e memórias pessoais. Artistas como Maria Adelaide Amaral e Adriana Calcanhoto dão seus depoimentos e fazem releituras de poemas de Abreu. O filme conta ainda com de gravações de Caio F. lendo trechos de sua obra.



dia 12,
22h

VIDEOBRASIL NA TV - ISAAC JULIEN: MEMÓRIAS CONTEMPORÂNEAS

Direção: Marco Del Fiol e Jasmin Pinho. Classificação: 16 anos.

O diretor Isaac Julien comenta o processo de construção do documentário que conta a vida do cineasta e artista plástico britânico Derek Jarman, falecido em 1994. A partir de depoimentos do próprio artista, o filme mostra seu lado ativista em prol do Movimento *Gay* no Reino Unido, nos anos 1970 e 1980. Morando em uma fábrica desativada, que lhe serviu também como estúdio, Derek contribuiu para o movimento Punk, surgido na mesma época, ao filmar imagens para a banda *Sex Pistols*.



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

Adriana Reis e João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Adriana Reis

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sescvtv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sescvtv.org.br



[/sescvtv](https://www.facebook.com/sescvtv)



Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sescvtv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sescvtv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



Macapá

Direção: Marcos Ponts

Filme vencedor do prêmio Aquisição SescTV
na categoria Diretor Estreante Brasileiro do
26º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo

23/4 | sábado | 20h30

Foto: Divulgação

Assista online:

sesctv.org.br/aovivo



/SECTV